



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS SOBRAL
CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA JOSCILANE DE BRITO SOUSA

A NOÇÃO DE HOLÓFRASE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA DO AUTISMO

SOBRAL
2017

MARIA JOSCILANE DE BRITO SOUSA

**A HIPOTECA DO SER E A NOÇÃO DE HOLÓFRASE NA CLÍNICA
PSICANALÍTICA DO AUTISMO**

:

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Achilles Rodrigues Furtado

SOBRAL

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S697h Sousa, Maria Joscilane de Brito.
Hipoteca do Ser e a noção de holófrase na clínica psicanalítica do autismo. / Maria Joscilane de Brito Sousa. – 2017.
25 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Curso de Psicologia, Sobral, 2017.
Orientação: Profa. Dra. Luis Achilles Rodrigues Furtado.
1. psicanálise. 2. holófrase. 3. autismo. I. Título.

CDD 150

MARIA JOSCILANE DE BRITO SOUSA

A HIPOTECA DO SER E A NOÇÃO DE HOLÓFRASE NA CLÍNICA
PSICANALÍTICA DO AUTISMO.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Psicologia da
Universidade Federal do Ceará – Campus
Sobral, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia.

Orientador(a): Prof. Dr^a Camilla Araújo
Lopes Vieira.

Aprovada em 14/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr. Luis Achilles Rodrigues Furtado (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Camilla Araújo Lopes Vieira (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Mestranda Ana Ramyres Andrade de Araújo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

SUMÁRIO

1. Introdução	05
2. Metodologia	06
3. O surgimento da língua como uma holófrase	07
4. Os contornos do conceito de holófrase na Psicanálise.....	07
5. Considerações	09

RESUMO: O presente trabalho pretende investigar a noção de holófrase em psicanálise bem como sua incidência na clínica do autismo. Para tanto, utilizaremos uma pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativa, baseada em textos psicanalíticos, através de um levantamento das produções acadêmicas acerca do conceito em sua relação com a teoria psicanalítica. Partindo, principalmente, das indicações deixadas por Jacques Lacan (1964/1979), especialmente em referência ao seu seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*, consideramos que a investigação em torno desse tema tem sua justificativa por permitir pensar a condução na clínica com sujeitos ditos autistas a partir do modo como eles próprios utilizam e se posicionam na linguagem. O termo holófrase é originado no campo da linguística para designar o processo em que uma palavra resume/aglutina o sentido de uma frase inteira. Em relação á clínica do autismo, a holófrase revela-se nas primeiras operações subjetivas, a partir das quais a dupla de significantes primordiais encontra-se aglutinada/congelada e sem intervalo entre si, não permitindo, portanto, que outros significantes possam advir. Consideramos que conceito de holófrase só ganha pertinência clínica e teórica se pensado junto a uma gama de outros conceitos do campo da psicanálise, tais como os de significante e de falta em sua problemática na relação com o Outro.

Palavras – chave: psicanálise, holófrase, autismo.

Introdução

O presente trabalho visa investigar a noção de holófrase em psicanálise e as implicações clínicas desta na constituição subjetiva do sujeito, especialmente no que tange ao autismo. Nos perguntamos a respeito das repercussões para a clínica e teoria psicanalítica a partir deste conceito mencionado em apenas três momentos durante o ensino de Lacan. Em quais casos podemos pensar sobre o sujeito holofraseado? Se a holófrase é uma aglutinação dos significantes, como o próprio Lacan denomina, por uma semelhança imediata, nos perguntamos então, o que diferencia a holófrase do mecanismo de condensação no sonho? Ou então ainda porque Lacan menciona em apenas três momentos esta noção? São por estas vias que pretendemos caminhar na tentativa de, minimamente, apreender o que esse conceito pode nos orientar na clínica psicanalítica, especialmente na condução de tratamento dos sujeitos ditos autistas bem como também alcançar as repercussões clínicas desse conceito no ensino de Lacan.

Partindo das indicações deixadas por Jacques Lacan (1964/1979), especialmente em referência ao seu seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*, consideramos que a investigação em torno desse tema tem sua justificativa por permitir pensar a condução na clínica com sujeitos ditos autistas a partir do modo como eles próprios utilizam e se posicionam na linguagem. Uma vez que, em sua maioria, são sujeitos que se mantêm congelados na posição de objetos na sua relação com o Outro, as suas manifestações típicas na linguagem e na fala podem ser consideradas como a materialidade em relação a qual podemos partir. Saber onde escutaram o que articulam e como articulam é o desafio que o psicanalista é convocado diretamente neste trabalho. Assim, investigar o tema da holófrase no ensino de Lacan torna-se fundamental não só para a compreensão teórica do autismo como na condução do tratamento.

METODOLOGIA

De acordo com o objetivo principal desta pesquisa, aquele de nos aprofundarmos no conceito de holófrase, buscamos fazer uma discussão a partir das produções teóricas a respeito do tema, considerando que o termo é um conceito cunhado do campo da linguística, buscamos trabalhar apenas com as produções cujas articulações fazem referência à teoria psicanalítica. Definido o tema e partindo da hipótese de que retomar aos conceitos de Lacan, sobretudo aqueles poucos mencionados durante seu ensino - como é o caso do conceito de holófrase - torna-se cada vez mais necessário para nos posicionarmos com rigor diante os impasses teóricos e clínicos, especialmente na clínica do autismo.

Portanto, retomamos de forma cuidadosa as passagens em que Lacan se referiu ao termo, buscando articulá-lo ao modo de manifestação psíquica do sujeito dito autista e em sua relação com o Outro e com gozo, ambos de forma monólita, em bloco, a qual o próprio conceito de holófrase se define. Para isso, recorreremos também a outras produções e leituras acerca do tema com o objetivo de investigarmos como tal conceito tem sido articulado na clínica. Considerando que desde Freud a clínica é antes de tudo a experiência com o sujeito, nos debruçaremos sobre o primeiro caso clínico na história da psicanálise, o Caso Dick de Melanie Klein, buscando identificar possíveis formas de funcionamentos holofrásicos na condição subjetiva de Dick.

O surgimento da língua como uma holófrase

A holófrase, segundo Stevens (1987) é um termo comum ao campo da linguística, debatido no ensino de Jacques Lacan. Tal conceito, advindo do campo da filosofia da linguagem para designar uma palavra que expressa a ideia completa de uma frase, foi desenvolvido pelo autor mencionado para se referir a uma manifestação encontrada nos fenômenos psicossomáticos, nos casos de debilidade e na psicose. Segundo Lacan (1964/1979), embora possamos localizar diferenças em relação a cada uma dessas três manifestações, há nelas um congelamento do par de significantes produzindo assim uma petrificação e um apagamento da função do sujeito. Essa redução do par significante a uma partícula monolítica convoca o problema clínico da constituição de um sujeito, na qual uma materialidade serve de suporte, enquanto letra, dos significantes que representam o sujeito.

Muitas são as facetas pelas quais o termo holófrase entra no campo teórico da estruturação da língua. Peusner (2016, p.124) diz que a linguística foi um “discurso que se ocupou da holófrase ao abordar os problemas da tipologia das línguas, da origem da linguagem e, finalmente, da ontogenia da linguagem.”. Com isso o autor afirma que até mesmo dentro desse campo de teorização tal conceito passa por diversas construções.

Humboldt (*apud* Peusner, 2016), um dos expoentes da tipologia da língua, elabora o seu critério de categorização das línguas e cria um critério de tripartição destas últimas, nomeando-as de *línguas isolantes* (chinês e flexionantes), *línguas flexionais* (indo-europeias e semíticas) e *línguas aglutinantes* (todas as outras), estando a holófrase dentro desta última categoria. Com Stevens (1987) vemos que o termo holófrase se apresenta como uma forma explicativa a respeito da origem da língua, mas o autor não se detém apenas ao campo da linguística.

Em seus estudos acerca da aquisição da linguagem, Scarpa (2009), talvez uns dos trabalhos que tomam o conceito em uma perspectiva mais desenvolvimentista, retoma o conceito de holófrase para pensar como este aparece na construção da linguagem na criança. Ao desenvolver esta ideia, a autora apresenta como característica principal da holófrase a ideia de inteireza, tida por ela como a flexão de palavras em uma só frase. Tal característica é ressaltada pela autora enquanto um processo que se manifesta na aquisição da linguagem pela criança, quando, por exemplo, esta última, ao tentar enunciar seu desejo de ir à rua, diz apenas “porta”, aglutinando em uma palavra o sentido de uma frase inteira.

Nesse sentido é que Stevens (1986, p.01) nos fala que a holófrase seria um termo que tentaria dar conta de explicar um tipo específico de língua que surge na forma de aglutinação “em que toda a frase expressa é resumida em uma palavra larga”. Assim, segundo o autor, a holófrase aparece primeiramente na tipologia das línguas para caracterizar uma relação gramatical. Trata-se, portanto, de investigar o funcionamento da frase como fundadora de uma unidade. Assim, a holófrase se constituiu nos primórdios da filosofia da linguagem como mais uma forma que a linguagem pode se manifestar. No sentido de se configurar como uma forma específica no funcionamento da linguagem é que passaremos ao próximo tópico com vistas a traçar o modo como o conceito se apresenta na psicanálise.

Os contornos do conceito de holófrase na Psicanálise

Quando passamos pela busca do conceito dentro do campo da psicanálise vemos que ele se associa a diversos fenômenos. Para isso, colhemos alguns trabalhos cuja perspectiva abordasse o conceito sob um viés psicanalítico e não apenas de cunho linguístico, como foi mais comum encontrarmos.

Dimitrius (2016) aborda o conceito de holófrase através dos Fenômenos Psicossomáticos (FPS), fazendo a consideração dos impasses que ocorrem quanto a esta temática sobretudo a respeito da tendência dos fenômenos psicossomáticos a um distanciamento dos discursos psicanalíticos. No entanto, Dimitrius entende a psicossomática de acordo com o ensino de Lacan em que ela é sempre alguma coisa que não um significante, mas que há nestes fenômenos alguma coisa ao nível dos significantes que se perdeu, fechando assim a possibilidade de afânise do sujeito. Não havendo esse jogo de aparecimento e desaparecimento não há, portanto, espaço para a emergência do sujeito. Assim também o é quando pensamos em relação a clínica dos sujeitos ditos autistas, havendo uma aglomeração dos significantes primordiais, fechando então o sujeito em um só bloco.

Dimitrius (2016), faz uma aproximação da holófrase com os FPS lembrando a aproximação que Lacan faz dos FPS com a hipocondria psicótica em que o sintoma, diferente dos sintomas neuróticos em que constitui um endereçamento ao Outro, nos fenômenos psicossomáticos e na psicose, o sintoma não faz enigma e se situa em relação

ao significante enquanto significante no real, inscrevendo-se como um número no corpo do sujeito. Sabemos, no entanto, que no autismo também algo se inscreve no significante que não o permite emparelhá-lo a outro significante, pois para haver a representação de um significante para outro é preciso situar-se como um sujeito faltoso que espera uma correspondência de sentido a partir do Outro, mas no autismo esse Outro já está completo e, portanto, é anulado por ser invasivo. É o que Lacan (1964/1979, p. 225) nos ratifica quando fala da “solidez significante primitiva em massa” (sic), proibindo e barrando o sujeito a uma abertura dialética com a falta e o Outro.

Campanário (2016) também fala da holófrase considerando as menções que Lacan faz ao termo em alguns de seu ensino e pensa o conceito de forma mais específica em relação a clínica do autismo. Para a autora, a holófrase também serve tanto para pensar a debilidade e os FPS como também para nos situar junto à clínica da psicose. Dessa maneira, a autora considera que a dimensão da holófrase apresenta um corte, um apagamento na dimensão que possibilita o sujeito de metaforizar e simbolizar o desejo. Em outras palavras, sabemos que essa dimensão apagada do sujeito o faz supor o Outro sem a sua dimensão da castração, não retirando daí o objeto que sempre falta, o objeto *a*. Isso implica em uma paralização da busca pelo que funda o desejo do Outro, pois como Lacan (1962-63) já dizia, o nosso desejo é sempre o desejo do Outro que também sempre deseja outra coisa a qual nunca teremos acesso, pois o que estamos procurando é esse objeto perdido, causa do desejo. A autora salienta que nestes casos em que o sujeito se apresenta em uma posição congelada, a condução do tratamento deve ser capaz de possibilitar ao sujeito uma gestão de seu próprio gozo. (CAMPANÁRIO, 2016)

Ao citar Stevens (1987), onde este afirma que a holófrase seria um sujeito, Campanário (2006) se pergunta de qual sujeito se trataria então na holófrase. Em seu posicionamento, cita Colette Soler (1997), que muito coaduna com o nosso neste trabalho, onde diz então que esse “novo sujeito” é exatamente o sujeito que se localiza na parte inferior do grafo do desejo no ensino de Lacan. Assim, compreendemos que esse sujeito a qual Soler se refere é um sujeito que não enuncia seu desejo, em que seu significante S_1 não faz coalescência com o S_2 . Em outras palavras, no grafo do desejo a posição do sujeito está fixada no discurso materno não fazendo alusão, portanto, à metáfora paterna. Stevens (1987), considera, a partir do ensino do Lacan, a holófrase como pertencente a cadeia inferior do grafo, reduzindo-se a uma unidade, à medida em

que neste lugar do gráfico, em que se faz a função da holófrase, coincide-se mensagem e código. Lacan (1958-1959, p. 84) ao falar sobre a função da holófrase na cadeia inferior do grafo diz:

A cadeia inferior ao nível da demanda, e na medida em que lhes disse que o sujeito enquanto falante tomava aí esta solidez emprestada a solidariedade sincrônica do significante, é bem evidente que é algo que participa da unidade da frase, desse algo que deu que falar de forma a fazer correr tanta tinta, da função da holófrase, da frase enquanto "todo". E que a holófrase existe, não há dúvida, a holófrase tem um nome, é a interjeição. [...] Esta forma de frase existe, eu diria mesmo que em certos casos ela toma um valor absolutamente insistente e exigente. É disso que se trata, e a articulação da frase, é o sujeito na medida em que essa necessidade, que sem dúvida deve passar pelos desfiladeiros do significante enquanto necessidade, é expressa de uma maneira deformada mas ao menos monolítica, ao ponto que o monólito de que se trata é o próprio sujeito nesse nível que o constitui.”

Entender que ao nível do grafo inferior do desejo e, portanto, em um lugar congelado, encontra-se ali um sujeito monolítico é entender que o que se trata aí não é do sujeito emerso do significante, pois que não passou pela divisão subjetiva que a castração nos impõe. Peusner (2016) enfatiza que a diferença que Lacan identifica em relação a holófrase é fazer coincidir código e mensagem.

Ao ilustrar o conceito de holófrase Campanário (2006) narra a história do um caso clínico de um menino chamado Jonh que começou a ser atendido com apenas um ano e três meses de idade, fruto de uma gravidez não planejada e durante a qual os pais não mantinham um bom relacionamento entre si. Neste mesmo período em que se iniciou o atendimento psicológico, John caiu da cama, fato que a mãe chegou a ignorar. Somente com o incessante choro na escola após a queda e este persistindo no dia seguinte foi que a mãe o levou a um neurologista, não constatando repercussões de cunho neurológico. Após cinco meses de tratamento com a analista a criança começa a esboçar as primeiras palavras "ma", se referindo à mãe e "a", ao pedir água, momento no qual a terapeuta intervém oferecendo sentido aos esboços de Jonh, algo que a mãe ainda tinha dificuldades em fazer. Com este caso, Campanário (2006) aproveita para relatar a repetição das “quedas” que ocorrem nos casos de sujeitos dito autistas. Para a autora, em alguns casos podemos ver de forma bem concreta que a criança se coloca

nesta posição de deixar-se cair, em que sujeito dessa cena aparece como apagado, e o "deixar-se cair" seria correlato da passagem ao ato.

Já em Miranda (2002), vemos a holófrase em sua relação com a debilidade mental, cujo caráter não se trata de uma deficiência intelectual, mas antes da posição do sujeito em relação ao saber enquanto desejo de saber. Este saber de que trata a autora não é outro senão o saber do inconsciente, que se funda pela curiosidade do sexo, que tende a apontar sempre para o sujeito dividido, logo também para uma verdade que é sempre não toda. Dessa forma, a autora defende e faz paralelo com o seu objeto de investigação, pois assim como diz que não articula a debilidade de forma cognitivista, se refere também ao saber do inconsciente, como já sabemos desde Freud, como um saber que diz que nunca é também do plano intelectual, mas é sempre leigo. Mannoni (1995), diz que a deficiência intelectual serve por vezes a outros fins, levando sempre os pais a falarem em seu lugar.

A autora se refere ao sujeito débil como agente de uma negação quanto ao saber do inconsciente mantendo assim o corpo em um gozo curto-circuitado, fazendo fusão com o próprio corpo, tornando-se, portanto, Um. Esse gozo no real do corpo é desregulador na medida em que é um gozo sem sentido, não remetendo a nada. No autismo, vemos acometer o mesmo modo de funcionamento do sujeito em relação ao gozo, faz-se Um. E faz-se assim porque o gozo toma o corpo do sujeito de forma invasiva fazendo a dimensão do Outro desaparecer. O sujeito dito autista lida com um gozo que toma o corpo em seu puro real de forma devastadora, não lhe restando nenhuma possibilidade de simbolização. Um gozo que se remete ao Um do gozo. (MIRANDA, 2002)

É nesse sentido que Miranda (2002) afirma que é através da incidência do significante no corpo que a carne se faz um corpo erógeno. Para autora, nesta operação de escultura do corpo pela linguagem algo se perde, exatamente porque a linguagem é ambígua. Esse algo que se perde é uma parte do ser do sujeito, parte a qual é tomada pelo Outro como objeto em função de mascarar a sua própria verdade. Vemos aí então que é pela alienação e ao mesmo tempo identificação do sujeito como objeto no campo do Outro que o autista reduz toda forma de satisfação a um gozo real. Quando Lacan tece o comentário sobre o caso Dick de Melanie Klein dizendo que ele estava todo no indiferenciado, causando até mesmo equívocos como se dissesse que Dick não faz parte

do mundo humano¹. No entanto, Lacan (1967), em a *Alocução sobre as psicoses da criança*, diz que toda formação humana passa pelo refreamento do gozo. Quando ele fala sobre Dick imerso em um mundo indiferenciado diz respeito à condição subjetiva de Dick que, não passando pelos desfiladeiros dos significantes, não pode então se estruturar na linguagem ante a sua dimensão equívoca.

Rocha Miranda (2002) afirma que se trata aí do corpo da criança como condensador de gozo da mãe, pois este corpo marcado, “portador de uma deficiência” personifica a falta na mãe. Assim, a criança é reduzida ao real da pura carne onde não é possível realizar a operação de subtração do gozo havendo, portanto, uma falha simbólica em que o sujeito não se responsabiliza de seu próprio desejo.

Lacan (1964/1979), formula que o congelamento entre os significantes primordiais introduz a criança em uma relação com a mãe na qual se reduz a ser o suporte do desejo dessa mãe, em seu sentido mais obscuro. Refere-se nessa cadeia de solidificação de significantes congelados tanto os fenômenos psicossomáticos, como os débeis e os psicóticos. Lacan, ao fazer uma leitura da obra de Maud Mannoni diz que autora tenta retratar “ aqueles que de um modo qualquer podem ser comissionados a levantar sua hipoteca. ” (p. 225)

A bem saber, a própria Maud Mannoni (1995) pode nos falar bem melhor em sua própria obra “*A criança retardada e sua mãe*” que trata especificamente da relação entre mãe e criança durante os primeiros modos de relação entre ambos. Assim, para a autora é ao nível da fusão que ocorre entre o corpo da mãe e o corpo da criança que nasce daí estatuto de um sujeito que passa a responder a um desejo que é sempre de um outro, do Outro materno. Ressaltando, porém, que esse corpo não é tão somente o corpo físico, mas antes e sobretudo, um corpo de significantes. Tal imbricação da relação entre mãe e filha, a qual, Mannoni denominou fantasmática, diz quase sempre daquilo que não pode ser resolvido ao nível da experiência da castração da própria mãe e se volta para o filho. Portanto, é o sintoma do filho que responde ao sintoma da mãe, como forma de realização desta. Em última instância, não se trata da “doença” do filho, mas daquilo que ela sustenta na relação com o Outro.

¹ Este equívoco refere-se ao fato de encontrarmos essa afirmação no texto organizado por Jacques-Alain Miler, mas não o encontramos na transcrição original do seminário tal qual a encontramos na Internet no site da *École Lacanienne de Psychanalyse*.

Em outras palavras, Lacan refere-se àqueles que, pelo lugar que ocupam no desejo da mãe não mais têm outra saída senão a de hipotecar seu ser, oferecer-se a partir da dimensão de seu desejo como objeto para o Outro, abandonando sua condição de sujeito. Refere-se assim à “aqueles que, de um modo qualquer podem ser comissionados a levantar sua hipoteca.” (p. 225). Seria então esta solidez da qual falamos aqui que impõe ao sujeito sacrificar-se em uma cadeia de significantes gelificada, transformando-se em um bloco sem forma e sem cor, destruindo a dialeção do sujeito na dimensão do seu próprio desejo e de sua história. Dessa forma, o sujeito autista, que, não se enuncia enquanto sujeito, é sempre antes falado pelo Outro, ocupa o lugar de sentido absoluto no discurso do Outro. Não à toa que vemos as mães de crianças autistas tomando sempre o lugar da fala da criança, confundindo aquilo que seria da ordem da necessidade com o dom de amor e apagando a dimensão da demanda. Pensando, então, a relação primeira entre mãe e bebê, o choro é reduzido a necessidade, não abarcando a dimensão do choro enquanto demanda que possa estar para além do seio. É preciso aí a mãe supor um desejo outro. Lacan (1969/2001 p. 373), neste sentido, fala sobre o traço residual da família que deve ser de outra grandeza que não a vida segundo as suas satisfações das necessidades, “mas é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo”.

Ora, se não há equivocidade no discurso do Outro, sempre pautado numa certeza de saber sobre a criança, mesmo que seja certeza sobre as características “genéticas e comportamentais” do autismo, apagando o sujeito sob o próprio sentido de “autista”, temos uma situação em que o “ser do sujeito está sob o sentido, uma pura alienação, não dialetizável. Citemos Lacan (1964/1974, p. 200), numa ilustrativa passagem de sua aula de 27 de maio de 1964:

Escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso — escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-senso que é, propriamente, o que constitui a realização do sujeito, o inconsciente.

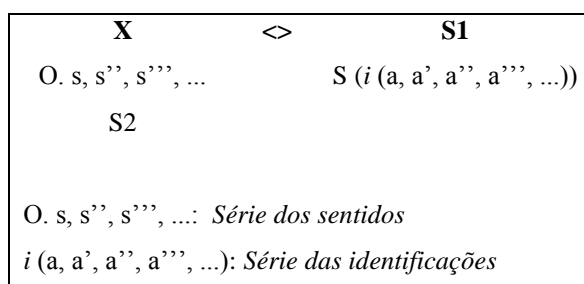
Sendo a operação de alienação ligada essencialmente à função da dupla de significantes (1964/1974, p. 223), não havendo a incidência da falta de sentido entre os dois significantes, não há, portanto, o destacamento da perda de gozo simbolizada pela queda do objeto a, promovendo, assim, a operação de separação. Entretanto, precisamos,

ainda, fazer algumas observações mais precisas sobre a citação acima especialmente quanto ao uso do termo “Outro”.

Colette Soler (2017, p. 31) nos lembra que é preciso fazer a diferença entre ser sujeito do dizer do Outro e ser sujeito “no real”, “fazer sua entrada no real” ou mesmo, como diz a citação, “realização do sujeito”. Nesse sentido, o autista, enquanto sujeito, esboça sua entrada no real pelo que produz de falta de sentido nessa relação com o Outro. Por outro lado e, paradoxalmente, anula-se por não somar a demanda à necessidade, transformando esta em pulsão. Soler (2017, p. 31) nos explicita:

Ele só entra no real, ou seja, sai do Outro, com a demanda articulada como primeira forma de dinamismo libidinal induzido não pela imagem especular do transativismo, mas pela linguagem, geradora ao mesmo tempo do sujeito e das pulsões.

Enfim, temos na condição holofrásica uma condição alienante, na qual a criança — S — fica identificada à série de objetos — S (*i* (a, a', a'', a''', ...)) — do Outro (S1), objetos que suportam o sentido de seu desejo (S2) reduzido a um termo obscuro — X, tal como Lacan nos ilustra no quadro durante a referida aula. *Ora, se na metáfora paterna o sentido do desejo do Outro (S1) é adquirido pelo Nome-do-pai (S2), e aqui este é um termo obscuro, temos casos, portanto, de foraclusão do Nome-do-Pai.* No quadro apontado por Lacan, onde deveria aparecer S2, temos um X, correspondendo à foraclusão. Resta saber se trata-se da foraclusão do Nome-do-pai ou de significantes específicos, como no caso dos fenômenos psicossomáticos.



No seminário *Os Escritos técnicos de Freud* (1953-54/1986, p.125), Lacan introduz em seu ensino o conceito de holófrase partindo de sua origem linguística. Neste mesmo seminário, o autor critica os pensadores que concebiam a linguagem como um progresso do pensamento, pois a linguagem é algo que preexiste ao sujeito, uma vez que

este já nasce imerso em significantes que lhe fundam, sendo o pensamento, portanto, o efeito da linguagem, como dissemos com Soler, “para o Outro”.

Miranda (2002), retorna ao seminário 1 para enfatizar a descontinuidade da relação entre o imaginário e o simbólico, entre o animal e a linguagem da qual Lacan fala. A linguagem estando submetida a ordem simbólica e esta, por sua vez, fazendo-se via por onde o real e imaginário se assentam. A autora retoma a essa passagem para dizer que a holófrase só possui um valor estando na ordem simbólica, estando sempre permeada de significantes. Deste modo, pensar na clínica do autismo sob o aviso prévio do funcionamento simbólico da holófrase, nos permite ir para além dos sintomas autísticos, suportando e ao mesmo tempo permitindo com que o sujeito grite, corra, cante, seja indiferente ao que digamos respondendo-nos com suas ecolalias até que em determinado momento, sob transferência, algo disso faça ressonância a um saber inconsciente e ali se escute não mais o real puro da voz, mas uma demanda ao Outro. Pois mesmo que haja ali uma condição de petrificação do sujeito, já nos deixa claro Rocha Miranda (2002) que o significante fará sempre referência a uma cadeia de significantes, de certo congelada, mas não inexistente.

Freud em *A Interpretação dos Sonhos (1900)*, retoma o sonho da filha que relata em uma carta à Fliess para mostrar a operação da realização do desejo através dos sonhos. Assim, retoma ao sonho de sua própria filha, Anna Freud, para ilustrar as diversas fontes que o desejo busca se satisfazer, entre elas, a produção onírica. O sonho gerado pela pequena Anna, com apenas 19 meses de idade, foi produzido logo após a mesma ter sido submetida a uma restrição alimentar depois de ter passado mal com a ingestão de morangos.

No *Seminário 6 (1958-59/2002, p. 42)* Lacan retoma o conceito de holófrase a partir do relato do sonho da filha de Freud. O sonho apresenta a garota pedindo por alimentos que lhes foram restritos. Durante um sonho, Anna chamou por *Er(d)beer*, que seria um jeito infantil de pronunciar morangos, *Eochbeer*, que seria também morangos, *Eier(s)peis* (que seria flan ou pudim) e por fim fala *Papp*, que a tradução seria mingau. Lacan retoma dizendo que nesta produção onírica, Anna Freud, enuncia a si mesma e elabora uma sequência lógica de palavras para se referir aos alimentos, como forma de reagir ao que lhe foi imposto, aparecendo como sujeito que fala sobre si, demonstrando então que o sujeito do inconsciente se conta.

Ao utilizar este exemplo em seu seminário 6, Lacan (1958-59/2002) o toma para logo depois falar sobre a holófrase, utilizando-o como exemplo antagônico ao

modo de funcionamento da holófrase. Na holófrase, no entanto, não há esse aparecimento do sujeito, uma vez que o espaço que fica aberto para a emergência deste, encontra-se tamponado pela dupla primordial de significantes (S1 e S2) que se apresenta aglutinada/congelada. Diante disso o sujeito não aparece no espaço entre os dois significantes, permanecendo em uma posição holofraseada e, portanto, não sendo possível fazer referência ao seu desejo, assim como fez Anna Freud em seu sonho.

Em seu artigo que relaciona holófrase e psicossomática, Dimitriadis (2016) também se refere a isso quando enfatiza que essa massificação da cadeia dos significantes produz um estacionamento em que o significante do desejo do Outro se torna opaco, deixando assim de produzir outros significantes que possam se representar ante outro significante, fechando a possibilidade dialética do desejo.

É apenas, repetimos, no *Seminário 11* (1964/1979) que Lacan situa mais enfaticamente a noção de holófrase em relação à estruturação do significante, dizendo que na holófrase o par de significantes (S1 e S2) - que marca em seu intervalo o surgimento do sujeito - encontra-se solidificado. De modo análogo notamos o mecanismo ocorrer nas manifestações subjetivas próprias ao autismo, nas quais o sujeito se mostra incapaz de apresentar uma enunciação sobre si. Ressaltamos que essa “incapacidade” a que nos referimos é apenas relativa, pois não são raras as vezes em que os autistas nos pegam de surpresa manifestando seu posicionamento e sua relação com as palavras.

Neste mesmo seminário, Lacan fala sobre o processo de alienação e separação para referir-se à dialética da constituição do sujeito. Podemos pensar tal processo através do contato do bebê com os pais desde o seu nascimento. Antes do *infans* nascer, já se encontra ali uma rede de significantes que conduzirá a sua vida atravessada pela projeção do desejo de seus pais. Nesse primeiro momento é necessária uma alienação por parte da criança em relação ao campo do Outro, permitindo com que seja incorporada a linguagem que lhe é transmitida, para posteriormente separar-se e ser capaz de fazer uso da fala em nome próprio.

Nesse sentido, Furtado (2013, p.122), nos alerta que ao considerarmos esta relação entre mãe e criança, devemos entender esta lógica muito mais como uma “identificação do imbricamento daquilo que acontece com as crianças e seu correlato no desejo e na fantasia dos pais.”. No entanto, se essa fusão que, em um primeiro momento é constituinte do sujeito, toma uma proporção desmedida, a criança fica de tal forma alienada a esse Outro e se identifica de forma arraigada à posição de objeto.

Assim, forma-se, portanto, um ciclo vicioso em que tanto a mãe satisfaz-se com a retenção da criança na posição de objeto, como também a criança se identifica nesta posição, ficando relegada a esta. Se a relação mãe-bebê se encontra em uma imbricação muito ferrenha, não haverá aí espaço para que circule o desejo e tampouco para que a divisão subjetiva da criança de presente e constitua o Outro enquanto presença faltante. Sobre isso e coerente com a interpretação do quadro do seminário 11, diz Lacan (1969/2011, p. 369):

A distância entre a identificação com o ideal do eu e o papel assumido pelo desejo da mãe, quando não tem mediação (aquela que é normalmente assegurada pela função do pai), deixa a criança exposta a todas as capturas fantasísticas. Ela se torna o "objeto" da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto.

Soler (2012) também retoma ao seminário onze e trata, em um dos capítulos de seu livro *“Lacan, o inconsciente reiventado.”*, sobre o conceito de holófrase. No entanto, antes de iniciar a parte destinada especificamente ao *“Inconsciente holófrásico”*, faz uma espécie de introdução ao capítulo em que trata especialmente sobre a *lalíngua*². Esta seria, nas palavras que autora toma de Lacan, a própria língua materna, homófono de lalação, como o próprio psicanalista propõe. Para Soler (2012), *alíngua* é o nível a-estrutural do aparelho verbal, que não faz um todo. Diz ela:

Alíngua é feita de uns que são significantes, mas no nível básico, da pura diferença. Em consequência, o Um encarnado em alíngua, sublinho, *encarnado*, aquele que está em coalescência com o gozo e não só entre um entre outros, esse Um, cito, é *“algo que permanece indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, talvez até todo o pensamento”*. (SOLER, 2012, p. 40, destaque nosso)

Assim é que Soler (2012) chega ao tópico em que se destina à holófrase. Se referindo a Lacan, aponta que os pais, mesmo diante a *moterialidade* da *lalíngua*, não exclui a função do Outro, na qual os pais ocupam lugar especial no entrelaçamento do sujeito ao simbólico, pois a rigor, “quanto à maneira de falar do Outro é preciso a maneira de ouvir da criança.” (p. 47) A esse Outro Soler (2012) usa a expressão canção do Outro, para designar a dimensão do “mamanhês” na emissão de sua fala.

² Aqui admitimos as duas traduções possíveis para *lalangue*, *Lalíngua* e *Alíngua*, sendo esta última a opção do tradutor de Soler.

A dimensão da lalação, expõe Soler (2012), possui a dimensão do Um, vindo de um sonoro não reduzível ao fonema, chegando à unidade da frase funcionando como Um. Assim, a autora diz que a holófrase precede a frase, funcionando como uma solda entre S₁ e S₂ que, suprimindo o intervalo, a faz funcionar como Um. Quanto a esta primeira fala não simbolizada – o “laleio” –, a psicanalista diz que funciona como uma holófrase gozada, distinta da mensagem. “Receber mensagem e receber *Alíngua* são duas coisas ligadas, mas diferentes, tanto quanto os respectivos efeitos.” (p. 48). Vemos aí que Colette Soler estabelece uma clara relação entre *lalíngua* e holófrase, cuja condição do sujeito identificado ao “laleio” e congelado nessa unidade do sonoro se reduz ao real do puro gozo. A afânise do sujeito é necessária para que o sujeito renuncie ao gozo absoluto, o que só é possível com a entrada do sujeito no campo da linguagem.

Ainda no Seminário 11, na aula de 3 de julho de 1964, Lacan trata da afânise na constituição do sujeito abordando a psicossomática, tema este que na aula seguinte irá aproximar da clínica da criança e da psicose/autismo. Alguns anos depois, em sua *Conferência de Genebra sobre o Sintoma* (1975, p.18) Lacan fala sobre a metáfora do congelamento. Nesse sentido, Lacan situa a operação de holófrase como sendo própria de manifestações clínicas como o FPS, debilidade e psicoses, importando para nós especialmente o autismo. Ao responder as perguntas do público nesta conferência, Lacan (1975) afirma que os autistas ouvem muitas coisas, trata-se apenas de onde escutaram aquilo que eles articulam. Diz ele:

Trata-se de saber porque há algo no autista ou no chamado esquizofrênico, que se congela, poderíamos dizer. Mas o senhor não pode dizer que não fala. Que o senhor tenha dificuldade para escutá-lo, para dar seu alcance ao que dizem, não impede que se trate, finalmente, de personagens de preferência verbosos. (LACAN, 1975, p. 13)

Para Elia (2007), só é possível falar da constituição do sujeito porque dentro de um campo, de um universo, ele se submete ao mecanismo da linguagem, podendo ele ter bastante domínio ou não dela. Assim, no mesmo sentido que Lacan na conferência citada acima, o autor enfatiza que mesmo que alguém, em situação de grave sofrimento psíquico, faça uso da linguagem de forma estilhaçada ainda assim estará no campo da linguagem, pois antes que nascesse já estava imerso em uma teia discursiva.

A Holófrase na clínica do autismo

Foi em 1911, com o psiquiatra suíço Eugen Bleuler, que foi cunhado pela primeira vez o termo autismo, considerado aí como uma característica. Conhecido por seus estudos no campo da esquizofrenia, Bleuler cria esse neologismo através da retirada do termo eros. Bleuler, a partir da teorização de Freud (1905) a respeito da relação de satisfação do sujeito com o objeto – autoerotismo - e retira da palavra autoerotismo o termo “eros”. Bleuler, ao tomar de forma apressada o conceito de Freud entendia o autoerotismo apenas como o desligamento do sujeito do mundo e tendo como experiência de satisfação primeira apenas o próprio corpo. No entanto, Freud (1905) diz que antes mesmo do bebê voltar-se para o próprio corpo o primeiro objeto que se inscreve como traço de satisfação em seu aparelho psíquico é o seio da mãe, portanto, um objeto exterior à criança, não autoerótico.

Mais tarde o médico austríaco Léo Kanner, junto a toda uma série de características que colhe referente ao autismo, publica um artigo intitulado *Os Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo*, que hoje coaduna naquilo que conhecemos de *Transtorno do Espectro Autista*, segundo Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM V). O artigo traz uma série de características que permanecem como critérios para o diagnóstico do autismo até hoje como, por exemplo, as ecolalias, as dificuldades no campo da linguagem e na relação com o outro.

Desde então sucede-se uma série de investigações e postulações em torno do autismo que desdobram diversos campos do saber em busca de amarrar um conhecimento que direcione o tratamento e a cura do autismo, mas todo esse alvoroço parece não passar simplesmente de descrições fenomenológicas, à medida que o sujeito autista sempre nos impõe uma verdade que nos escapa. É a partir dessa verdade que escapa que entendemos o autismo, a saber, a partir da verdade do inconsciente. Pensar então o fenômeno da holófrase na clínica do autismo, ainda que o que estes sujeitos esboçam sejam dialetos que possam soar de forma estrangeira aos nossos ouvidos, é considerar que nestes enunciados há ali a transmissão de uma verdade ou talvez até mesmo de um pedido de ajuda.

Passaremos agora a uma leitura clínica a partir do primeiro caso de autismo relatado na psicanálise. Trata-se do caso de um menino de apenas quatro anos de idade que chamado Dick, que a psicanalista Melanie Klein (1996), atendeu durante muito tempo. O garoto iniciou análise com ela quando tinha apenas quatro anos de idade. Quando chegou em seu consultório a analista relata que o que lhe chamou bastante

atenção foi o seu vocabulário bastante restrito, o que lhe conferia um desenvolvimento intelectual muito abaixo da média das crianças de sua idade. Além disso, Klein enfatiza o seu comportamento de correr de um lado para o outro, com movimentos bastantes descoordenados, a carência de afeto e a indiferença quanto a sua presença ou mesmo ausência da babá quando lhe deixava na sala. Klein (1996), relata que esse conjunto de características se diferenciavam muito das crianças neuróticas.

Para Melanie Klein (1996), o motivo da exacerbada inibição no desenvolvimento de Dick foi o fracasso no estágio primitivos por onde a formação de símbolos estagnou. Não sendo possível, portanto, estabelecer nenhuma relação simbólica com os objetos, pois estes não estavam “coloridos pela fantasia” (p. 7). Assim, se mostrava sempre indiferente aos objetos e jogos dispostos na sala. Porém Klein notava que havia um interesse do garoto pelos trens e estações, pelas portas e maçanetas e pelo abrir e fechar das portas. Foram nesses objetos de interesses que Melanie Klein apostou no despontamento de algum simbolismo na relação com objetos tomados por Dick em seu puro real. Lacan (1953 p. 86-86), considera que a realidade de Dick está bem fixada, mas justamente porque o ele não conseguiu fazer as idas e vidas. Enfatiza então que a realidade para Dick não é realidade absolutamente desumanizada, pois já tem uma certa apreensão dos vocábulos, mas desses vocábulos não fez a Bejahung - não os assume. Assim, Lacan refere-se ao uso holofrásico de Dick com relação à sua lalíngua, reduzindo os significantes a sua pura sonoridade de forma negativista.

Dessa forma, em de suas sessões com pequeno garoto, utiliza-se dos objetos que já havido percebido ser de interesse de Dick: o trem. Emparelha então um trem grande ao lado de trem pequeno nomeando-os, respectivamente, de “Daddy-train” e “Dick train”. Dick que sempre demonstrou não ouvir ou não se interessar pelo eu lhe falavam, após Klein estabelecer a relação entre os trens, carrega o “Dick train” em direção a janela ao que a analista lhe fala “A estação é a mamãe, Dick está entrando na mamãe”. Esta foi a primeira vez que, através da relação dos significantes e do surgimento da angústia de Dick ao esboçar uma demanda tanto para Klein quanto, logo depois, para a babá, operou-se uma quebra nos significantes primordiais da história de Dick, permitindo-o, inclusive, realizar o jogo simbólico de entrar e sair com o trem da estação bem como de ir e vir entre as portas.

CONSIDERAÇÕES

Diante da análise do conceito percebemos que muitas foram as formas e os fins para os quais serviu de articulação: a holófrase na construção da linguagem, adquirindo um cunho desenvolvimentista (SCARPA, 2009); a holófrase quanto ao FPS (2016); a holófrase na debilidade mental (Miranda, 2002); a holófrase na psicose, especificamente na paranoia (ALBERTI & RIBEIRO, 2012) e holófrase se aproximando um pouco mais do autismo no trabalho de Campanário & Pinto (2006). Em algumas destas articulações a holófrase é tomada como um fenômeno que ocorre em um momento específico do discurso do sujeito, o qual ali se identifica e permanece feito pedra, imóvel em seu desejo, sofrendo a invasão do gozo no corpo. É dessa forma que também verificamos a operação da holófrase se manifestar no sujeito autista, não castrado e, portanto, não tendo o Nome-do-pai para fazer hiância ao desejo materno que o aliena. Assim, podemos dizer que o que se trata na holófrase é uma expressão forclusão do Nome-do-pai, que fecha a dialética do desejo e põe o sujeito à deriva de um gozo sem sentido.

A holófrase, nesse sentido, não corresponde, como nos perguntamos de início, a condensação, mecanismo de formação do sonho. Pois mesmo a holófrase sendo uma aglutinação da frase em uma palavra e a condensação sendo a combinação de vários elementos de um sonho em um só, vemos que o sonho em si mesmo já um processo de metaforização, assim também o é a condensação. Entretanto, na holófrase vemos que não há espaço para a dialetização, posto que o sujeito é tomado em sua dimensão real e, portanto, se omite, permanecendo alienado no desejo do Outro materno, obliterando-se como sujeito de sua própria em resposta a sustentação do desejo do Outro enquanto desejo anônimo. O desejo da mãe passa precisa apontar para outros ângulos enquanto a metáfora paterna precisa operar no sentido de instaurar a lei, fazendo-se vetor para lei que instaura o desejo.

Além disso, ao nos perguntarmos sobre a implicação e repercussão do termo no ensino de Lacan, percebemos que a holófrase se configura em um conceito cuja linha é muito tênue com um conceito posterior de seu ensino e que se faz de suma importância em sua teoria, que seria o conceito de *lalíngua*. Ao nos depararmos com esta questão, percebemos, sobretudo, através do texto de Colette Soler, que a holófrase se configura como um conceito em que Lacan toma como base para mais tarde tecer as construções a respeito de *lalíngua*. Dizer isso não implica em abortar a holófrase dos modos de

funcionamento que o sujeito pode tomar na linguagem, pois a holófrase não excluiria e nem antecederia - como por momentos fomos levados a crer - o conceito de *lalingua*, visto que se dá na fixação do S₁ mediante o laleio materno, quer dizer, quando algo de significação já foi imprimido. Ou seja, é em alguma parte dessa fala primordial com o Outro que o sujeito ali se solidifica.

Nos perguntamos, no entanto, se, a partir, da fixação do sujeito no S₁ absoluto o que resta daí não continua sendo apenas um amontoado de palavras sem significação alguma, ou seja, a comunicação com o outro não permaneceria ao nível da pura “lalação”? No entanto, ao passo em que nos perguntamos sobre isso voltamos no mesmo compasso, pois se considerássemos a clínica do autismo neste viés, como então poderíamos supor que algo na relação entre o analista e o autista adquirisse um valor de significante, como vimos acontecer entre Melanie Klein e Dick? Temos aí nossa resposta.

Vemos também, a partir da vinheta do caso clínico de Melanie Klein, que a condução no tratamento, sobretudo com sujeitos ditos autistas, implica uma dimensão ética do psicanalista de fazer operar a partir de uma aposta na emergência do sujeito. Pois mesmo não existindo capacidade de representação no Dick, Melanie Klein empresta-lhe seu material de palavras – a associação entre os trens – como ela mesmo explica sua intervenção. O que podemos depreender daí é que Melanie Klein não fez outra coisa senão a de emprestar seu desejo através dos significantes que conferiu àquilo que já era de interesse de Dick. Entender isso implica em reconhecer que não há outra forma de manejo que não a de supor que ali de onde jaz o sem sentido em outro canto gritam-se outros cem sentidos.

REFERÊNCIAS

CAMPANÁRIO, I. S. & PINTO, J. M. **Nos limites da linguagem. A holófrase e sua incidência na clínica da primeira infância.** Belo Horizonte: Revista Reverso, p. 51-60, 2006.

DIMITRIADIS, Yorgos. **A pesquisa psicanalítica sobre os fenômenos psicossomáticos.** Ágora (Rio de Janeiro), v. XIX p. 35-51, 2016.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito.** Coleção Passo a Passo. 2.e.d. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

FREUD, Sigmund (1905). Tres ensayos de teoría sexual. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Standard Edition. Ordenamento de James Strachey; Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986, v. VII, p. 109-224.

FURTADO, Luís Achilles Rodrigues. **Sua majestade o autista: fascínio, intolerância e exclusão no mundo contemporâneo.** 1 ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

LACAN, Jacques. (1953-1954/1986) **O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986. ps. 12-71-168

LACAN, Jacques. (1985). **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)

LACAN, Jacques. (1975). Conferencia en Ginebra sobre el síntoma. In: LACAN, J. **Intervenciones y Textos.** 2. ed. Buenos Aires: Manantial, 1991. pp. 115-144. Conferência proferida em 4 de outubro de 1975

LACAN, Jacques. (1964). **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964].** Rio de Janeiro: Zahar, 1979. ps.119-176 e 215-16

LACAN, Jacques. (1967). **Alocução sobre as psicoses da criança.** In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, Jacques. (1969). **Nota sobre a criança**. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, Jacques. (1958-59). **O Seminário, livro 6: desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Zahar, (1958-1959) 2002.

LACAN, Jacques. **Conferência em Ginebra sobre el síntoma (1975)**. In: Intervenciones y textos 2, Buenos Aires: Manantial, 1988. ps. 115 e 137-144.

LACAN, Jacques. **Alocução sobre as psicoses da criança**. (1967). In: OUTROS ESCRITOS, Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.361-368.

LACAN, Jacques. **Nota sobre a criança** (1967). In: OUTROS ESCRITOS, Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.369-370.

MANNONI, Muad. **A criança retardada e sua mãe**. Tradução Maria Raquel Gomes Duarte – 4º ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MIRANDA, E. **Debilidade Mental e estruturas Clínicas**. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicanálise)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002

PEUSNER, Pablo. **Fugir para adiante: o desejo do analista que não retrocede ante as crianças**. 1 ed. São Paulo: Agente publicações, 2016.

SCARPA, Ester Mirian. **O lugar da holófrase nos estudos de aquisição da linguagem.** Cad.Est.Ling., Campinas, 51(2): 187-200, Jul./Dez. 2009

STEVENS, Alexandre. **La holofrase, entre psicosis y psicossomática.** Champ freudien, nº 42, setembro 1987, pp. 45-7.